
PERFORMANCES

NA ANTIGUIDADE:

NARRATIVAS, PRÁTICAS

E MATERIALIDADE*

DOI 10.18224/frag.v30i1.8540

IVAN VIEIRA NETO**
CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS***
SEMÍRAMIS CORSI SILVA****

Em *O Mensageiro*, L. P. Hartley (1953) afirmou: “o passado é um país estrangeiro”. Esta máxima foi aceita por historiadores como David Lowenthal (1998) e Peter Burke, porque sintetiza a impossibilidade da compreensão direta do passado pela História, entendimento mediado por mais obstáculos à medida que retroagimos no tempo. Intermediárias da relação entre o passado e o presente, as fontes literárias (escritas) e a cultura material se revelam permeadas por intencionalidades dos seus autores e do seu próprio contexto histórico. De imediato, dão-nos a conhecer somente o que querem os seus fabricantes, pois nenhuma fonte histórica é idônea e objetiva *per se*.

Admitindo o caráter intencional dos documentos (e também dos monumentos, aqui no sentido que há muito lhes atribuiu o historiador francês Jacques Le Goff), percebemos que eles não são somente janelas pelas quais podemos olhar o passado (LE GOFF, 1996). Os documentos são, antes de tudo, labirintos. Seus corredores se alargam e estreitam à medida que nos aventuramos no seu interior; ouvimos vozes indistintas do passado, vozes pretéritas a falar línguas estranhas e a descrever costumes incompreensíveis. Agarrando-nos ao

* Recebido em: 15.09.2020. Aprovado em: 15.09.2020.

** Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Assistente da Escola de Formação de Professores e Humanidades. Coordenador do Curso de Graduação em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades o da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. *E-mail*: vieira.pucgoias@yahoo.com.

*** Pós-doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e em História pela Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). *E-mail*: carol.kesser@gmail.com.

**** Doutorado (2014), Mestrado (2006) e Graduação (2003) em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Franca). Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. *E-mail*: semiramiscorsi@yahoo.com.br.

fio de Ariadne constituído pela metodologia da pesquisa histórica, podemos ansiar pela saída dos domínios do Minotauro. Porém, se ousamos percorrer os corredores do labirinto sem o auxílio do barbante que novamente nos conduz à luz, estamos condenados. As vozes pretéritas falam cada vez mais alto e indistintamente, os sons se tornam insuportáveis e o barco que antes singrava as águas da curiosidade agora naufraga no Oceano de Mnemósynē. Operam sobre os incautos navegantes forças até ali inominadas, um conjunto de práticas e manifestações dotadas de intenções ou não, às quais chamamos *performances culturais*. Conforme postulou Richard Schechner,

Performances marcam identidades, dobram o tempo, reconfiguram e transformam o corpo, e contam histórias. As performances – artísticas, rituais ou da vida ordinária – são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações performadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam (SCHECHNER, 2013).

Esta ideia segundo a qual as performances são “comportamentos restaurados” é aqui interessante: como construtos sociais, as performances são compreendidas no interior das sociedades que as produziram. A estrangeirice também é marcada pela inaptidão ou dificuldade em performar da mesma maneira as ações quotidianas ou, simplesmente, pronunciar as palavras com o mesmo ritmo com que falam os nativos. Se o passado é um país estrangeiro, podemos afirmar com alguma certeza que a Antiguidade é o mais remoto desses territórios forâneos. Chega-se lá cruzando os corredores do labirinto, mas apenas para se perceber as diferenças entre as terras dos povos que já desapareceram e dos que ainda se ocupam dos assuntos terrenos. R. G. Collingwood (1946) já sabia que cabia ao historiador “re-encenar” em seu pensamento as experiências do passado, mas a definição mais acertada foi oferecida pelo alemão Walter Benjamin (1969), que descreveu o ofício do historiador como a perplexidade de quem continuamente percebe o passado se assomando contra o presente tomando a forma de uma pilha de destroços constantemente esmagada por uma nova camada.

Faz-se necessário resgatar dos destroços amontoados a matéria-prima com que se construirá a História. E talvez, entre os escombros desta busca labiríntica, podemos recorrer ao conceito e à análise das manifestações da humanidade passada em termos de *performance*.

O uso da ideia-força de performance nas análises de história da cultura permite um olhar novo sobre certos fenômenos que já foram esquadrihados através de prismas diversos. [...] Numa história mais colada ao cotidiano, a moda, os hábitos, as práticas de lazer, os gestos de comunicação diária oferecem um panorama rico para a compreensão de um momento (LOPES, 2003).

Antônio Herculano Lopes defende na intersecção entre História e Performance uma possibilidade mais clara que a “re-encenação” de R. G. Collingwood, afirmando que a aplicação da ideia de performance aos estudos históricos seria capaz mesmo de recuperar a gesta irrecuperável que desapareceu após ser realizada, encenada pela primeira vez.

Ao se fazer a história de uma performance, no entanto, não se pode escapar de uma investigação sobre os traços, as provas do crime, os elementos mortos que testemunham sobre uma vida passada. Já pensar a ideia de performance aplicada ao estudo da história

significa trazer de novo à vida o momento do crime, detonar a força bruta do momento vivido que se encontrava sepulto sob aqueles escombros (SCHECHNER, 2013).

Os autores deste dossiê, conscientes da impossibilidade de reviver o passado, portanto, não seguiram as sendas da proposição do historiador e teatrólogo brasileiro, mas fizeram os seus próprios esforços para compreender o passado sob a égide das performances. Este conceito pode ser abordado pela perspectiva política, cultural, social, artística e empregado para descrever uma série de comportamentos social e culturalmente construídos. Recentemente, as performatividades de gênero foram abordadas pela filósofa estadunidense Judith Butler, uma análise que redimensionou a maneira como os estudiosos da atualidade compreendem e analisam este conceito, percebendo o gênero em suas manifestações performativas.

Diante disso, cumpre ressaltar que os estudos no campo das Performances Culturais são relativamente novos nas Universidades. Primeiro surgiram nos Estados Unidos, após 1960, e então se espalharam para outros países, especialmente na década de 1980. Mais recentemente, o campo chegou às Universidades Brasileiras, onde o interesse principal se manteve nas manifestações artísticas e culturais em peças de teatro, festividades e rituais, sob a influência de autores como Victor Turner, Richard Schechner e Diana Taylor. Pesquisas nestes assuntos são comuns nos Departamentos de Arte e Antropologia, mas ainda não se popularizaram entre nossos classicistas. Nos Departamentos de Estudos Clássicos dos EUA, Gregory Nagy, Richard P. Martin e Barbara Kowalzig demonstram que os recursos à perspectiva das Performances Culturais podem lançar nova luz às fontes antigas e fornecer bons materiais analíticos às investigações sobre a Antiguidade, quer a partir de suas narrativas, discursos e práticas, ou ainda em sua própria materialidade.

É neste sentido que apresentamos o Dossiê *Performances na Antiguidade: Narrativas, Práticas e Materialidade*, visando contribuir com os debates sobre a temática das performances e performatividades no campo nos Estudos Clássicos brasileiros. O Dossiê é composto por oito artigos que trazem temáticas, fontes e metodologias variadas visando um mesmo propósito: colocar em cena diversos tipos de performances na Antiguidade. O espaço de um funeral como *locus* performativo, o ambiente da cidade grega, o gênero e os gestos corporais como performatizados e, claro, o teatro e a tragédia como espaços de excelência das performances artísticas no seio da pólis ateniense, são os motes dos artigos que integram este trabalho de forma plural e variada.

Agradecemos à Equipe Editorial da Revista Fragmentos de Cultura, na pessoa da Profa. Rosemary Francisca Neves Silva, pelo convite e oportunidade de organizar este trabalho. Agradecemos, de forma especial, às pesquisadoras e aos pesquisadores que enviaram seus artigos para este Dossiê e desejamos a todas e todos uma boa leitura!

Notas

- 1 Peter Burke repetiu a máxima duas vezes. Primeiro em artigo para a *Folha de São Paulo*, em 1999; depois em entrevista a Miguel Conde n' *O Globo*, em 2009.
- 2 Empregamos aqui o termo “fabricante” como alternativa ao grego *poietês*. O autor de um texto fabrica-o, tanto quanto um pintor, um oleiro ou um escultor fabricam suas respectivas obras. Em pleno séc. XXI, não podemos cometer a ingenuidade de acreditar que os documentos escritos são fontes objetivas e fidedignas aos eventos históricos que descrevem. A cultura material, mais do que em qualquer tempo, é agora mais necessária para auxiliar a ciência histórica em seus esforços de “reconstruir” o passado.

Referências

- BENJAMIN, W. *Illuminatio: essays and reflections*. New York: Schocken, 1969.
- COLLINGWOOD, R. G. *The Idea of History*. Oxford: Clarendon Press, 1946.
- HARTLEY, L. P. *The Go-Between*. London: Hamish Hamilton, 1953.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- LOPES, A. H. Performance e História (ou como a onça, de um salto, foi ao Rio do princípio do século e ainda voltou para contar a história). In: *O Percevejo*, São Paulo, n. 12, 2003.
- LOWENTHAL, D. How we know the Past. *História*, São Paulo, v. 17, p. 63-201, nov. 1998,
- SCHECHNER, R. *Performance Studies: an introduction*. London/New York: Routledge, 2013.